

Natalia Czopek

Universidade Jagellónica
de Cracóvia

*A MODALIDADE É A ALMA DA FRASE** – ALGUNS PROCESSOS DE EXPRESSÃO DA MODALI- DADE NAS LÍNGUAS ESPA- NHOLA E PORTUGUESA

O presente trabalho tem como objectivo analisar os processos de expressão da modalidade nas línguas espanhola e portuguesa. No entanto, não vamos incluir na nossa análise os meios linguísticos considerados como os principais marcadores desta categoria semântica, isto é, modos verbais e verbos modais aos quais já dedicámos vários trabalhos. Concentrar-nos-emos em outros processos cuja importância na expressão da modalidade não pode ser menosprezada. Assim, no nosso estudo pretendemos esboçar um panorama dos meios dos quais o falante se pode servir ao exprimir a sua atitude perante os factos que enuncia.

1. PERÍFRASES VERBAIS DE MODALIDADE

As perífrases verbais são definidas por E. Alarcos Llorach (1996)¹ como *una combinación de unidades que funcionan en conjunto como lo hace un solo verbo. Consta de un primer componente, una forma verbal con morfema de persona, y un segundo componente que ha de ser uno de los derivados verbales, infinitivo, gerundio o participio*. É importante que o sujeito do verbo auxiliar e do verbo auxiliado seja o mesmo. As duas formas constituem uma unidade lexical na qual o significado habitual do verbo auxiliar é modificado ou metaforizado. No exemplo que se segue o verbo *ir* devido ao processo de dessemantização ganha um novo valor perifrástico:

1. *Vas a poder controlar las funciones de navegación, telefonía y audio a través de la pantalla central panorámica.* (FN)

Segundo esta lógica, distinguem-se três grupos de perífrases verbais:

- perífrases de infinitivo (*haber de / haver de, haber que / haver que, tener que / ter que / ter de, deber de, ir a, comenzar a / começar a, volver a / voltar a, llegar a / chegar a, acabar de, dejar de / deixar de, querer, poder, deber / dever, etc. + infinitivo*);
- perífrases de gerúndio (*ir, venir / vir, andar, estar, seguir + gerúndio*);

* Ch. Bally citado por Costa Campos (1998: 38).

¹ Cf. também Hernández Alonso (1996: 70).

- perífrases de participio (*tener/ter, traer, quedar, dejar / deixar, llevar, etc. + participio*).

C. Hernández Alonso (1996), ao estabelecer a sobredita divisão, acentua que as perífrases de infinitivo expressam uma acção de perspectiva aberta, as de gerúndio uma acção de duração, e, finalmente, as de participio concentram-se no aspecto perfeito da acção. A perífrase, sendo uma unidade, leva, então, um significado aspectual que não tem o verbo próprio e que pode ser durativo, terminativo, incoativo, etc.

De acordo com uma outra classificação proposta por E. Alarcos Llorach, as perífrases verbais de modalidade com os verbos modais *dever* e *poder* pertencem ao grupo de perífrases com infinitivo imediato: *dever + infinitivo, poder + infinitivo*. Outro grupo, com infinitivo mediato, abrange as perífrases *ter que + infinitivo, haber que + infinitivo, etc.*, onde o infinitivo é precedido de uma unidade transpositora *que*. As restantes perífrases exigem uma preposição antes do infinitivo, por exemplo *haber de + infinitivo*.

Mais um traço característico das perífrases observado por R. Hadlich (cit. por Alarcos Llorach 1994: 485) é que o verbo auxiliar não admite interrogação, por exemplo:

2. *Está claro que hemos de añadir una variable que [...] haga funcionar adecuadamente la fórmula mágica de nuestro futuro [...]. (MI 301: 30)*

O exemplo (2), para comprovar a teoria de Hadlich, não admite perguntas de tipo *¿De qué hemos?* mas sim *¿Qué hemos de hacer?* que não faz referência ao verbo auxiliar mas ao auxiliado.

Concentremo-nos agora nas perífrases com os verbos *ter* e *haver*. Começamos pela perífrase *haver de + infinitivo*, a forma do assim chamado futuro perifrástico hoje raramente utilizada, que sendo continuação da perífrase latina *habere + infinitivo*, precisamente desta herdou o seu significado de obrigação e, ao mesmo tempo, de intenção de exercer uma acção. Esta última função faz com que a perífrase ganhe mais um significado, nomeadamente o de a acção ser exercida no futuro, e provoca o seu emprego apenas em dois tempos verbais: presente e imperfeito. O valor modal que representa é o valor de futuro de incerteza mas em certos contextos pode exercer uma função semelhante ao verbo modal *dever* com valor de suposição² ou, menos frequentemente, a função do imperativo:

3. *Eu hei-de amar uma pedra beijar o teu coração. (António Lobo Antunes *Eu hei-de amar uma pedra*, Dom Quixote, Lisboa 2004)*

4. *Se uma pessoa está a corresponder a uma necessidade permanente de serviço, porque é que não há-de fazer parte dos quadros? (V 598: 30)*

5. *[...] un ser autónomo que sobre todo se parece a sí mismo, y que para vivir saludablemente ha de emaniparse de una dependencia que lo dejaría tullido emocionalmente. (MI 292: 30)*

² O valor de suposição incide sobre a causa da situação referida: *Este autor recebeu o prémio de literatura. Deve escrever romances apreciados pelos leitores (FN)*. Pode ser atribuído ao verbo *dever* quando *à propos de quelque chose qui est du certain, je construis du certain affaibli. Au lieu de dire: il est venu, je dis: il doit être venu* (Culioli citado por Costa Campos 1998: 139). O locutor realiza um acto de validação do conteúdo da frase, atenuando o valor de certeza que tem o exemplo *il est venu*. Assim, faz com que a sua responsabilidade pela veracidade do conteúdo da frase esteja menor.

6. *Hás-de dizer a verdade!* (FN)

No espanhol utilizam-se duas perífrases com o verbo *haber*: *haber de + infinitivo* e *haber que + infinitivo*. A primeira é muito frequente na América hispânica com o valor de futuro (cf. Hernández Alonso 1996: 488) enquanto *haber que + infinitivo* emprega-se apenas em frases impessoais, na terceira pessoa de singular: *Hay que tenerlo en cuenta*. (FN) O mesmo acontece na língua portuguesa no caso da perífrase *haver que + infinitivo* que, segundo J. Almeida (cit. por Herculano de Carvalho, Schmidt-Radefeldt 1984: 83), exprime *impessoalmente a ideia da necessidade* e por esta razão é utilizada só com sujeito impessoal:

7. *Mas em política não há que ter ilusões*. (V 599: 62)

Passando à perífrase *ter de + infinitivo*, citemos as palavras de C. Hernández Alonso (cf. Herculano de Carvalho, Schmidt-Radefeldt 1984: 71):

A construção mais gramaticalizada é a do auxiliar *ter* articulando-se com um infinitivo por meio dos conectivos *de* ou *que*. Corresponde à significação inicial da perífrase que deu origem ao futuro românico... um modo de obrigação ou compulsão.

Notemos que os seus únicos significados são de obrigação e de crença baseada em provas.³ Porém, é preciso citar aqui uma distinção feita por J. Almeida (cit. por Herculano de Carvalho, Schmidt-Radefeldt 1984: 82) entre *ser obrigado a* e *ser destinado a*. No caso da perífrase *ter de + infinitivo*, o primeiro significado é apenas válido para sujeitos animados (9), enquanto o outro para inanimados (8):

8. *A soberania dos Estados deve ser vista em paralelo com a soberania da pessoa humana. Isto tem de ser perspectivado no quadro do direito internacional sob a égide das Nações Unidas [...]*. (V 598: 15)

9. *Como responsável máximo de uma autarquia com o peso de Gaia, tenho de ter mais sapatos, mais camisas, mais gravatas e mais fatos de que um cidadão comum*. (V 598: 26)

Comparando a obrigação expressa por *ter de + infinitivo* e por *haver de + infinitivo*, chega-se à seguinte conclusão defendida por A. E. da Silva Dias e M. Said Ali (cit. por Costa Campos (1998: 131–132):

Com o verbo *ter* e também *haver* [...] e o infinitivo precedido da preposição *de*, exprime-se a necessidade imposta pelas leis da natureza (ou da lógica), ou pelas circunstâncias, ou conveniências, ou pela lei moral. A forma *ter de* tem sobre a forma *haver de* a vantagem de exprimir com mais precisão a necessidade imperiosa, o acto a praticar independente da vontade.

B. Pottier (cit. por Almeida Vieira dos Santos 2003: 135) estabelece um semelhante critério de escolha entre as duas perífrases, nomeadamente, no caso de *haver de*

³ O valor epistémico da perífrase portuguesa *ter de* e da espanhola *tener que* pode ser comparado com o valor do verbo modal inglês *have to*. O locutor, ao pronunciar um enunciado do tipo *Ela já tem de estar em casa porque saiu do trabalho há duas horas*, expressa maior grau de certeza e crença do que ao empregar o verbo *dever*. Alegando ao sobredito, M.H. Costa Campos (1998) compara o modal *ter de* com *dever* e chega a uma conclusão que os dois verbos formam um sistema correspondente ao sistema inglês *have to / must*, onde o verbo *ter de* funciona como *have to*, ou seja, o locutor *não se assume como fonte da obrigação*, e o verbo *dever* funciona como *must* – *a fonte da obrigação coincide com o enunciador*. Cf. também Almeida Vieira dos Santos (2003: 135).

a necessidade impõe-se por uma ideia que se vai formando dentro de nós e que ainda não existe. No caso de *ter de* a necessidade vem de algo já existente.

A perífrase *ter que + infinitivo*, por sua vez, como afirma R. Meyer-Hermann (cit. por Herculano de Carvalho, Schmidt-Radefeldt (1984: 82), é mais frequentemente utilizada na língua falada e tem um significado diferente, embora nem sempre reconhecido pelos falantes. Do mesmo modo que a perífrase *ter de + infinitivo*, exprime uma obrigação que, porém, não depende do sujeito, ou seja, não é preciso que o sujeito aceite a realização da acção. *O índice funcional que seria, pois, adequado, seria obrigação + incondicional*. Para contrastar, M. J. de Almeida Vieira dos Santos (2003: 153), analisando vários exemplos, chega à conclusão que em *ter que + infinitivo* predomina a obrigação moral e lógica sobre a obrigação material e que a participação do falante é maior do que em *ter de + infinitivo*.

Assinalemos que os puristas linguísticos preferem a preposição *de* à preposição *que* e até há casos nos quais a forma *ter que* é considerada como incorrecção.⁴ Não obstante, muitos autores definem-na apenas como uma variante estilística de *ter de + infinitivo* e atribuem-lhe o mesmo valor modal (Costa Campos 1998: 130):

10. *Mas, se quisermos olhar para uma candidatura que efectivamente representa uma mudança – até no discurso – temos que nos voltar para a que é corporizada por Manuel Alegre.* (V 598: 19)

Esta perífrase tem as suas raízes na língua espanhola, onde é utilizada sob a forma *tener que + infinitivo* proveniente da expressão *tener algo que hacer* que exerce precisamente as funções das perífrases portuguesas *ter de + infinitivo* e *ter que + infinitivo*:

11. *Sin embargo, la ciudadanía también tiene que entender que los tiempos de una declaración no son predecibles [...].* (Vér 189: 28)

12. *Primero tengo que aguantar a la madre de mi madrastra, una vieja chismosa, y a su hijo, un niño baboso y malcriado.* (MI 292: 60)


2. A ENTOAÇÃO COMO UM DOS MEIOS DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE

Um vocábulo no sistema linguístico é apenas equivalente a noções existentes na nossa mente mas quando pronunciado de uma certa maneira, torna-se um signo linguístico concreto capaz de manifestar as intenções do locutor. Esta maneira de pronunciar, ou seja, a entoação⁵, serve para unificar o conjunto de vocábulos e atribuir-lhes um novo significado, independentemente da sua estrutura interna. Introduce também a modalidade e assim informa do acto mental que relaciona um vocábulo ou um enunciado com a realidade (Milewski 2004: 74).


⁴ Idem, p. 151: A. Epifânio de Silva Dias considera como incorrecção o uso de *ter que* e *ter a* em lugar de *ter de*. C. Brandão também julga incorrecto o tal uso.

⁵ J.G. Herculano de Carvalho citado por F.I. Fonseca (1970: 125) é de opinião que a entoação não tem carácter linguístico e que pertence à zona de transição entre *ce qui est purement linguistique dans la manifestation et ce qui ne l'est en rien*. [...] nous pouvons aussi, avec facilité, vérifier qu'aucune phrase prononcée n'arrive, en fin de compte, à avoir une signification complète si l'on ne prend en considération ces objets qui ne sont pas linguistiques, qui ne font en rien partie du langage, et qui constituent ce que nous appelons 'contexte extra-verbal'.


Nesta análise, distinguem-se três tipos da entoação sintáctica. A entoação declarativa informa que, segundo a opinião subjectiva do locutor, o conteúdo do enunciado pode identificar-se completamente com a realidade. A intensidade dos fonemas mantém-se uniforme até diminuir claramente na sílaba final:


Fizeste os exercícios. (FN)

A entoação interrogativa exprime incerteza. O locutor admite várias respostas possíveis mas ao mesmo tempo mostra a preferência por uma delas. Neste caso a intensidade dos fonemas aumenta na última sílaba tónica:


Fizeste os exercícios? (FN)

A entoação imperativa, por sua vez, reflecte a convicção do locutor sobre a falta de veracidade do conteúdo do enunciado e o desejo de o tornar realidade. Aqui a intensidade dos fonemas costuma aumentar na sílaba que o locutor considera a mais importante para a transmissão da informação:


Faz os exercícios! (FN) *Faz os exercícios!* (FN)

Acrescente-se a isso que a mesma situação tem lugar nas enunciações compostas de um só vocábulo que podem ser consideradas como enunciados precisamente graças ao emprego de um dos três tipos de entoação acima referidos. De exemplo pode servir a palavra *fogo* que ao ser pronunciada por uma pessoa que está a avisar de um incêndio (*Fogo!*)⁶ chega a ser um enunciado. Da mesma maneira funcionam as formas do vocativo (*Ó Maria!*, *Ó professor!*), os verbos impessoais (*Amanhece!*, *Relampagueia!*) ou as formas imperativas (*Cuidado!*, *Atenção!*, *Ouve!*). Todos os enunciados citados estão inseridos num certo contexto e não exigem nenhum complemento. Para esta categoria de enunciados a entoação é o único meio de introduzir a modalidade, ou seja, de mostrar a atitude do locutor face à realidade⁷.

Para concluir, a entoação é um signo linguístico cujo significado coincide com a modalidade atribuída ao enunciado que pode exprimir uma asserção, uma pergunta

⁶ Como sustenta M. Rubio citada por A. Veiga (1991: 37) este fenómeno é resultado da influência “desde fora” das modalidades de frase que podem afectar qualquer conteúdo linguístico: *Amanhã.* / *Amanhã?* / *Amanhã!*.

⁷ A. García Calvo citado por A. Veiga (1991: 37) realça que uma das modalidades de frase, nomeadamente a modalidade interrogativa, só pode ser marcada pela entoação ou pela inversão da ordem dos elementos na frase.

ou uma ordem (Alarcos Llorach 2004: 60). Os três tipos de entoação desempenham tanto uma função expressiva de manifestar as emoções e as intenções do locutor como uma função exortativa por influir sobre a vontade e o comportamento do interlocutor.

3. VERBOS AUXILIARES DE MODALIDADE

Várias fontes linguísticas descrevem os verbos *necessitar*, *saber*, *desejar*, *pretender*, *soler*, *crer*, etc., como partes integrantes de perífrases verbais. J. Mattoso Câmara (citado por Costa Campos 1998: 71), por exemplo, designa este grupo de verbos como o grupo menos gramaticalizado de perífrases infinitivas:

Há uma série, em princípio aberta, em que um infinitivo se associa com um verbo de significação de estado psíquico para expressar toda uma gama de nuances modais: *quero ir*, *desejo falar*, *pretendo estudar*, *conto viajar* e assim por diante. São as menos gramaticalizadas das conjugações perifrásticas, e o sentido geral da construção centraliza-se na significação lexical ou auxiliar, que fica em toda a sua pujança.

Pode-se constatar, assim, que as referidas construções não têm muito a ver com a definição de perífrase formulada por E. Alarcos Llorach, pois o verbo auxiliar, tendo um significado próprio graças ao qual pode funcionar em outros contextos sem o verbo auxiliado, desempenha aqui o papel central.

O emprego destes verbos, também frequentemente designados como verbos auxiliares de modalidade, não deixa muito espaço para interpretações múltiplas. O que vale a pena realçar é que nestas construções a relação estabelecida entre o verbo auxiliar e o infinitivo do verbo, com o qual este forma um todo inseparável, é uma relação de determinação, na qual: [...] *o possível verbo-morfema apenas pode ser utilizado junto com o infinitivo do verbo a determinar, porém não sozinho, para conseguir transmitir o significado da dita construção* (Herculano de Carvalho, Schmidt-Radefeldt 1984: 73). Vejamos os seguintes exemplos:

13. *De lo que no se le pretende acusar es de haber obligado a Bejarano, Ímaz, Sosamontes y Gustavo Ponce, a recibir dinero, ni se le pretende culpar del noviazgo [...].* (Vér 189: 11)

14. *E quer lançar uma Plataforma Reivindicativa em Portugal.* (V 676: 19)

Nota-se perfeitamente que os verbos acima citados não podiam funcionar independentemente nas mesmas proposições para transmitir os mesmos significados. O verbo *pretende acusar* do exemplo (13) não pode ser objecto da pergunta *¿qué pretende?*, mas funciona perfeitamente quando acompanhado do infinitivo, como resposta à pergunta *¿qué pretende hacer?*. O verbo *querer*, por sua vez, no caso do exemplo (14) admite apenas a pergunta *o que quer fazer?*, mas se o infinitivo for substituído por um substantivo, a pergunta *o que quer?* também seria certa:

15. *Querem campeões? Então vão à América [...].* (V 599: 76)

16. *Movimento de cidadãos quer debate sobre decisões polémicas.* (V 676: 54)

Não obstante, como afirma Hernández Alonso (1996), *no son perífrasis aquellos verbos que pueden alternar dicha forma no flexiva con un sustantivo en la misma función:*

17. *Movimento de cidadãos quer debater sobre decisões polémicas.* (FN)
 18. *Movimento de cidadãos quer debate sobre decisões polémicas.* (V 676: 54)

O mesmo problema afecta os verbos *necessitar* e *precisar*, etc., sendo estes utilizados nas construções onde o infinitivo pode ser substituído por um substantivo.

No grupo dos verbos utilizados como marcadores de modalidade, o verbo *crer* merece atenção especial por se considerar que tem um sentido forte (tomado como verdadeiro) e outro fraco (tomado como provável, pelo menos num grau específico) (cf. Oliveira 1993: 14). O sentido forte admite uma asserção e o sentido fraco depende, em grande medida, do contexto que determina o grau de probabilidade deste verbo.

Mais um caso interessante é o de *ser/estar capaz de* que admite duas interpretações, uma epistémica e outra de capacidade. A da modalidade epistémica pode ser ilustrada pelo exemplo: *A Ana vem connosco? – É capaz de ir*, onde se pode substituir facilmente por *pode ser que, é provável que* ou *se calhar*.

4. TEMPOS VERBAIS DO MODO INDICATIVO

Aos casos acima descritos podemos adicionar ainda alguns tempos verbais do indicativo que, em certas proposições, desempenham a função de marcadores da modalidade epistémica. O futuro do indicativo, por exemplo, é, na maioria das vezes, modal sendo o seu significado temporal substituído na linguagem falada por *ir + infinitivo*, o que implica uma *backward migration* do futuro para o presente definida por W. Bull.⁸ Utiliza-se quando o locutor não dispõe de informação precisa e, por conseguinte, os enunciados exprimem aproximação, conjectura, dúvida ou concessão em relação ao momento de enunciação. Quando a perspectiva temporal muda, como nos exemplos abaixo citados, as formas do futuro composto e do condicional empregam-se para expressar os mesmos valores:

19. *Terá* (= provavelmente tem) uns 25 anos. (FN)
 20. *¿Habrá sido* (= probablemente ha sido) Juan quien lo ha hecho? (FN)
 21. *Serían* (= probablemente eran) entonces las cuatro. (FN)

⁸ Cf. A. Veiga (1991: 42–53): Para W.E. Bull, a posição de uma forma verbal no sistema é condicionada pelo valor temporal. O futuro pode ter o valor de incerteza mas apenas em combinação com certos enfoques temporais que implicam a sua deslocação. Assim, as *backward migrations son experimentables por formas verbales que en el sistema posean un vector de posterioridad (cantaré, cantaré) o que se orienten respecto de un axis anticipado (habré cantado, habría cantado)* e cujo vector fica substituído por outro, por exemplo de simultaneidade. As *forward migrations* afectam as formas orientadas retrospectivamente (menos as formas do pretérito passado simples) que, como consequência, abandonam a ideia de anterioridade e passam a representar simultaneidade ou posterioridade, adquirindo, ao mesmo tempo, novos valores modais, por exemplo de irrealidade. A. Bello fala aqui dos significados fundamentais e metafóricos, G. Rojo de matizes extratemporais oriundas do abandono das relações temporais sistemáticas e J. A. Porto Dapena dum emprego especial do modo potencial designado como *futuro de probabilidade*. W.E. Bull, por sua vez, estabelece uma escala que vai desde os eventos experimentados até aos não experimentados, existindo *uma zona indefinida em que os dois «modos verbais» podem aparecer em função de uma maior tendência para um ou para outro dos dois extremos da escala [...]*. Cf. também Almeida Vieira dos Santos (2003: 279).

O locutor nos exemplos (19)–(21) formula enunciados com valor de suposição de acordo com as próprias opiniões e crenças. As proposições são duvidosas e admitem contestações por parte do ouvinte. O valor modal da forma do futuro do exemplo (19) podia ser expresso, por exemplo, pelos advérbios *mais ou menos*, *aproximadamente*, *provavelmente*, *possivelmente* ou pelo verbo modal *dever*. Daí que estes exemplos façam parte do grupo chamado julgamentos, um dos tipos da modalidade epistémica.⁹

Importa adicionar aqui que o futuro assume também valores de modalidade deontica, sendo utilizado com sentido de imperativo de preceito ou de conselho: *Não matarás!* M. de Paiva Boléo (1935: 21), citando J. Vendryès, explica os seus possíveis valores modais de maneira seguinte: *Ao contrário do passado, tempo objectivo, o futuro é acompanhado de todos os mistérios da eventualidade, deixa lugar a mil sentimentos de expectativa, de desejo, de temor, de esperança*. No entanto, pode também ter valores de obrigação, volitivo, de promessa ou profético.

Para além disso, certas construções com o imperfeito do indicativo empregam-se para criar mundos alternativos, como no caso da ficção da fala infantil, e, por conseguinte, podem ser modais:

22. *Érase una vez un rey que tenía una hija muy bonita.* (FN)

23. *Eu agora era o pai e tu eras a mãe...* (FN)

Como se pode ver, então, dentro do sistema verbal há vários tempos verbais cujo significado não é só temporal mas também modal e até é possível que o valor modal prevaleça.

5. ADVÉRBIOS E PARTÍCULAS DE MODALIDADE

A modalidade pode ainda ser expressa por sintagmas adjetivais (*ser possível*, *ser proibido*, *ser necessário*, etc.), por advérbios de frase (*necessariamente*, *provavelmente*, *obrigatoriamente*, etc.), por as chamadas partículas de modalidade, como *talvez*, ou por sufixos derivacionais como [-vel] na formação de adjectivos cuja palavra base é um verbo (*pagável*, *legível*, etc.).¹⁰

⁹ Cf. Bosque (1990: 28). O autor ao falar dos referidos empregos dos futuros utiliza o conceito do «*presente de incertidumbre*». Afirma também que no espanhol existem certas marcas declarativas de modalidade como, por exemplo, morfemas condicionais, presentes no exemplo (21), utilizados frequentemente na linguagem jornalística por causa do seu valor de não-realização duma verdadeira asserção graças ao qual se pode mostrar a falta de compromisso e evitar a responsabilidade legal. M.J. de Almeida Vieira dos Santos (2003: 249) diz que as formas do «futuro do indicativo» reportam-se ao que ainda não aconteceu e, por isso, possuem matizes modais muito próximas das do «conjuntivo».

¹⁰ Oliveira (1993: 12). Cf. também Porto Dapena (1991: 60): *Dado que el indicativo o el subjuntivo vienen determinados por la presencia de estos elementos modalizadores, podría pensarse en la existencia de un régimen modal por parte de ellos, cosa que, como hemos observado anteriormente, resulta chocante, pues el regente sería un adverbio o expresión equivalente, el cual, sintácticamente, se encuentra en un plano jerárquico inferior al verbo, que sin embargo sería el regido. La cuestión podría tal vez resolverse partiendo de la idea de que estos elementos no son en realidad modificadores del verbo – y por lo tanto no se subordinan a él – sino de toda la oración, respecto a la que actúan como verdaderos elementos predicativos.*

Quanto aos advérbios modais, estes são operadores de frase que, apesar de poderem aparecer em várias posições, têm no seu escopo a frase toda (Oliveira 1993: 16). No entanto, em alguns casos, como o de *talvez*, o emprego de modos depende da posição do dito advérbio o que desperta dúvidas em relação à sua natureza de advérbio de frase¹¹:

24. *É talvez esta última a principal característica diferenciadora do país da etnia thai [...].* (V 561: 82)

25. *Talvez seja melhor para todos que as forças estrangeiras se vão já embora.* (V 561: 70)

Outros advérbios de sentido epistémico como *certamente*, *sem dúvida* ou *seguramente* não causam os mesmos problemas. O importante é que podem ser modificados para o seu significado ser reforçado: *muito certamente*, *sem qualquer dúvida*, *muito seguramente*. *Obrigatoriamente*, por seu turno, tem uma interpretação deontica que, por definição, diz respeito a procedimentos de acordo com normas de comportamento regularizadas pelas sociedades e pode ser parafraseada por *é obrigatório* ou *é permitido*.

Um grupo especial que também contém marcadores de modalidade é constituído por partículas modais como *afinal*, *cá*, *então*, *lá*, *sempre*, *também*, *mas*, *acaso*, etc.¹²

De ponto de vista da semântica, as partículas modais são palavras invariáveis que não influenciam de modo nenhum as condições de veracidade de um enunciado e que se definem como um dos elementos da frase na sua globalidade e não como parte da estrutura sintáctica. Para diferenciá-las dos advérbios, pode-se generalizar que aparecem normalmente antes do verbo, à cabeça da frase, não são interrogáveis nem negáveis e não admitem intensificadores como *bastante* ou *muito*. São meios de expressão da atitude do falante e das suas intenções, mostram a sua reacção aos actos verbais e não verbais anteriores e assinalam como o locutor quer que o ouvinte receba o que ele diz. Por conseguinte, dependem, em grande medida, do contexto e da situação. São também apagáveis, isto é, elimináveis da frase a qual, por consequência, permanece sintacticamente aceitável. Podem ser cumuláveis mas, quando isoladas, não podem ter valor igual ao da frase toda.¹³

¹¹ Cf. Almeida Vieira dos Santos (2003: 154–155): *estamos agora perante um dos elos mais fracos da cadeia, sobretudo quando constatamos que o «conjuntivo» desaparece como por encanto sem que isso afecte o valor “potencial” assim que invertermos a ordem dos elementos da frase. [...] é este tipo de frase o argumento mais forte que encontramos para o tratamento do «conjuntivo» como um «modo verbal» regido.* Todavia, a mesma autora afirma também que não são os advérbios que pedem o conjuntivo mas formam com ele uma combinação de traços. O advérbio, quando separado por vírgulas, deixa de fazer parte desta combinação e torna-se advérbio de frase. Nesta situação, já não há razões para a obrigatoriedade de combinação semântica entre os traços dos dois elementos. Cf. também Fonseca (1970: 149–150): *E como estes há outros casos acerca de que fiquei hesitante ou até perplexa. Aqui registo estes como exemplo, esperando que a sua apresentação possa suscitar a explicação que eu não soube encontrar.* O que se chega a afirmar, no entanto, é que os valores de possibilidade, eventualidade, etc. não resultam apenas do conjuntivo mas duma *combinatória sintáctica* modo + advérbio.

¹² Franco (1990: 175). As partículas modais são classificadas muitas vezes como advérbios, interjeições ou expressões de realce.

¹³ Cf. Franco (1990: 176) e Said Ali citado por Franco (1991: 79): Na antiga Grécia, as partículas modais pertenciam ao conjunto chamado *expletivae* e empregavam-se *por razões de natureza métrica ou de adorno do discurso. [...] não tinham por finalidade única servirem de «palavras de encher»,*

Como um exemplo de partícula modal pode servir *afinal* que exprime a surpresa do interlocutor e a sua esperança de obter uma explicação do estado das coisas que não é compatível com as informações anteriormente fornecidas: *Vou amanhã contigo à festa dos anos da Ana. – Afinal a tua mãe deixa-te ir?* (FN)

Se substituirmos *afinal* por *sempre* em função de partícula modal, vamos ter um exemplo só aparentemente similar ao anterior: *Vou amanhã contigo à festa dos anos da Ana. – A tua mãe sempre te deixa ir?* (FN). Aqui, o locutor exprime o desejo de confirmação por parte do ouvinte das próprias expectativas ou hipóteses anteriormente admitidas ou não excluídas.

A terceira partícula modal bastante interessante é *então* que exprime o interesse pela resposta à pergunta. *Então* emprega-se aqui para provocar a resposta ou para incentivar o ouvinte a participar no diálogo e a dar a sua opinião: *Então está a gostar deste restaurante?* (FN).

Analisando os exemplos acima citados pode-se concluir que as partículas modais estão relacionadas com expectativas e pressuposições do locutor. Algumas delas desempenham também uma função anafórica, ou seja, estabelecem uma relação entre o momento em que o acto de fala ocorre e uma situação anterior (Franco 1991: 196).

Recapitulando, a modalidade nas línguas espanhola e portuguesa pode ter representações em forma de perífrases verbais ou núcleos inseparáveis constituídos por verbos modais ou outros verbos tipo *desejar*, *soler*, etc. em conexão com infinitivo. Além disso, a entoação oracional, certos tempos verbais do indicativo e alguns advérbios ou partículas modais desempenham a função de marcadores de modalidade. Nem todas estas construções levam um significado único e evidente, o que releva a importância do contexto e também proporciona ao locutor mais maneiras de expressão. Por conseguinte, tanto um tipo de modalidade pode ter diversas representações, como uma construção linguística pode representar vários tipos de modalidade.

Como afirma F. Oliveira (1993: 26), *apesar de a modalização em geral ser objecto de reflexão e investigação há muito, a verdade é que ainda se compreende pouco a sua especificidade, talvez porque o estudo da sua semântica envolva dois domínios humanos fundamentais: o raciocínio e a acção*. As características e os meios de expressão de modalidade que acabámos de referir, devido ao espaço limitado do qual dispomos, não constituem uma descrição completa desta categoria semântica. No entanto, as conclusões acima apresentadas podem servir de base para uma análise mais pormenorizada.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCOS LLORACH Emilio, 1994, *Gramática funcional del español*, Madrid: Espasa.
 ALARCOS LLORACH Emilio, 2004, *Gramática de la lengua española*, Madrid: Espasa.
 ALMEIDA VIEIRA DOS SANTOS Maria Joana de, 2003, *Os usos do conjuntivo em língua portuguesa*, Lisboa: FCG e FCT.

mas assumiam também uma função de modificação ou de modalização dos enunciados em que ocorriam. Os gramáticos da antiga escola chamavam-nas *palavras de realce*, ou seja, *palavras e frases que figuram muitas vezes no falar corrente e em particular nos diálogos [...] de diferente natureza, com sintaxes e semânticas diversas, mas cujo denominador comum é de ordem pragmática*.

- BOLÉO PAIVA Manuel de, 1935, *Tempos e modos em português*, Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- BOSQUE Ignacio (ed.), 1990, *Indicativo y subjuntivo*, Madrid: Taurus Universitaria.
- COSTA CAMPOS Maria Henriqueta, 1997, *Tempo, Aspecto e Modalidade, Estudos de Linguística Portuguesa*, Lisboa: Porto Editora.
- COSTA CAMPOS Maria Henriqueta, 1998, *Dever e poder. Um subsistema modal do português*, Lisboa: FCG e JNICT.
- FONSECA Fernanda Irene, 1970, *Para o estudo dos valores do conjuntivo em português moderno*, Coimbra: FLUC.
- FRANCO António, 1990, *Partículas modais do português*, Porto: FLUP.
- FRANCO António, 1991, *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*, Coimbra: Coimbra Editora.
- HERCULANO DE CARVALHO José G., SCHMIDT-RADEFELDT Jürgen, 1984, *Estudos de linguística portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora.
- HERNÁNDEZ ALONSO César, 1996, *Gramática funcional del español*, Madrid: Gredos.
- MILEWSKI Tadeusz, 2004, *Językoznawstwo*, Warszawa: PWN.
- OLIVEIRA Fátima, 1993, Questões sobre Modalidade em Português, in: *Cadernos de Semântica* 15, Porto: FLUP.
- PORTO DAPENA José Álvaro, 1991, *Del indicativo al subjuntivo*, Madrid: Arco/Libros, S.A.
- VEIGA Alexandre, 1991, Condicionales, concesivas y modo verbal en español, in: *Verba, anuario galego de filoloxía*, anexo 34, Santiago de Compostela.

ABREVIATURAS UTILIZADAS NAS CITAÇÕES

FN – *Falante Nativo*; MI – *Muy Interesante*; V – *Visão*; Vér – *Vértigo*

Summary

The modality is the soul of the sentence – some processes of expression of modality in the Spanish and Portuguese languages

The principal purpose of the essay is to analyze the processes of the expression of modality in the Spanish and Portuguese languages and to present some linguistic means that the speaker can use in order to express his attitude towards the content of the message. The analysis includes the usage of verbal periphrasis, intonation, auxiliary verbs of modality, some tenses of the indicative mood, modal adverbs and modal particles. The paper puts emphasis on the role of the modal attitude of the speaker and different ways of expression provided by the aforementioned processes.

Streszczenie

Modalność jest duszą zdania – niektóre procesy wyrażaniu modalności w językach hiszpańskim i portugalskim

Celem niniejszej pracy jest przedstawienie procesów wyrażania modalności w językach hiszpańskim i portugalskim, czyli opis środków językowych, dzięki którym mówiący może zaprezentować swoje stanowisko wobec wyrażanych treści. Proponowana analiza skupia się na funkcjach modalnych peryfraz czasownikowych, intonacji, czasowników posiłkowych modalności, niektórych czasów trybu oznajmującego, przysłówków oraz partykuł modalnych. W pracy podkreśla się przede wszystkim rolę stosunku mówiącego do treści wypowiedzi oraz szerokie możliwości jego wyrażania, których dostarczają opisane procesy.